

ESTEREÓTIPO E VIOLÊNCIA: DUAS FACES DO MESMO PROBLEMA

Audrei Ferrante

*Educar é crescer. E crescer é viver.
Educação é, assim, vida no sentido mais
autêntico da palavra.*

(Anísio Teixeira)

O presente texto tem por finalidade mostrar que ao expor o conteúdo programático, em sala de aula, o professor poderá fazê-lo de forma diversificada. Pretende-se demonstrar que um tema pode ser abordado fazendo uso de mecanismos que auxiliem no processo de ensino e aprendizagem. O que se pretende evidenciar é a importância do estímulo para a aprendizagem em sala de aula, pois o professor não é mais o único responsável por informar o aluno.

A escola é o espaço formal de formação e informação do indivíduo por excelência. Portanto está na hora de se discutir e rever as práticas docentes. O paradoxo que se apresenta ao professor é grande, pois ao mesmo tempo em que a escola tem características conservadoras, tem o dever de formar indivíduos criativos, capazes de inovar, que possuam raciocínio crítico e prontos para adentrar o mercado de trabalho.

Neste artigo não se tratará, apenas, da utilização dos mecanismos tecnológicos como o computador, ao contrário, o que se pretende é demonstrar que num mesmo contexto, o da escola, o conteúdo proposto pode ser aprendido não só da forma tradicional e peculiar a determinada ciência, mas através de outras linguagens como a teatral, a jornalística, a cinematográfica, a literária, a musical, entre outras.

Torna-se perfeitamente possível estimular o raciocínio crítico do alunado, o posterior debate dos temas propostos e a interação entre professor e aluno em sala de aula, além de promover o entrosamento entre os próprios discentes.

Há quem pense de forma diversa, entendendo que as novas perspectivas pedagógicas de ensino em sala de aula não mudariam a forma de ver o mundo, ao contrário, poderia, até mesmo, empobrecê-la na medida em que os discentes não teriam paciência para ouvir a explicação do professor em plena era digital.

A idéia de restringir ao máximo a tecnologia nos processos pedagógicos encontra eco entre alguns estudiosos do tema. No entanto, a maior parte dos especialistas defende a sua utilização como forma de auxílio ao processo de aprendizagem, desde que não seja usada como um fim em si mesma e não sirva apenas como

chamariz para motivar os alunos. E todos chamam a atenção para uma condição essencial para a melhoria do ensino, com informatização ou não das escolas: a formação adequada do professor para desenvolver uma consciência crítica em relação ao uso dos meios tecnológicos. (OSTRONOFF, Henrique, 2009).

Portanto, preparar o docente de forma adequada para que ele realmente possa ser um facilitador no processo de cognição do discente é de vital importância para o sucesso da tarefa de ensinar.

... compreende-se o papel que a pedagogia desempenha na realidade atual. Para além da transmissão de conhecimentos acumulados, para além de políticas e propostas educacionais, a pedagogia corresponde ao duplo compromisso – epistemológico e ético – de compreender as estruturas do entendimento e de estender suas possibilidades, renovando as práticas de ensino. (PINTO, Manuel da Costa, 2005, p.4).

Como sugestão para a introdução de diversas linguagens enquanto recursos auxiliares do professor em sala de aula do ensino superior, o tema que, neste artigo será tratado é o estereótipo feminino, principalmente quando ele funciona como justificador e legitimador da violência contra a mulher. O professor deve deixar claro a seus alunos o que pretende fazer, quais recursos serão propostos e, principalmente a finalidade quando da utilização de outras linguagens pedagógicas para atingir seu objetivo.

Uma primeira linguagem teórica é bastante interessante para dar suporte às demais linguagens que serão utilizadas. Vejamos o tema propriamente dito: o conceito do vocábulo estereótipo.

O “site” www.dicionarioinformal.com.br fornece o seguinte conceito:

Modelo conceitual rígido que se aplica de forma uniforme a todos os indivíduos de uma sociedade ou grupo, apesar de seus matizes e divergências.

O estereótipo trata-se de uma imagem preconcebida e enraizada de modo rigoroso nos indivíduos acerca de pessoas, bem como de coisas e até de situações.

Não resta dúvida no que tange ao estereótipo feminino em nosso país, isto é, resta claro que, no Brasil, face aos costumes herdados desde a época de seu descobrimento, o papel da mulher tem sido considerado como de coadjuvante. Temos o estereótipo da mulher magérrima, por exemplo. Aquela que não veste um manequim muito pequeno e que não tem medidas absolutamente simétricas está fadada ao fracasso social. Temos também o caso dos vencimentos diferenciados no caso das mulheres. E porque não mencionar que até a década de 60 as mulheres casadas tinham o mesmo

número de Cadastro de Pessoas Físicas que os seus maridos, entre outras situações referentes às mulheres na sociedade brasileira.

Não são esses estereótipos que pretendemos abordar. O objetivo é mostrar através de algumas linguagens o estereótipo da mulher enquanto ser inferior, menos desenvolvido física e mentalmente e que pode ser tratado como “coisa” sem muita importância. Sujeitas às mais rigorosas pressões, muitas mulheres são tratadas de modo indiferente por seus companheiros e, muitas vezes, com violência física e psicológica.

*Queremos nos referir especificamente a opressão que se abate sobre a mulher, **justamente por ser mulher**, e que de forma alguma atinge o homem, pois é causada por ele. Podemos considerar como uma das mais trágicas expressões da nossa sociedade. É o constrangimento que se constitui na grande e maldita herança social que o elemento feminino recebe ao nascer. Muitas mulheres têm vivido e conhecido à experiência da violência exercida pelos homens, cujas seqüelas são difíceis de sanar. Ela está tão arraigada e tão disseminada em nossa sociedade, que parece fazer parte inquestionável da nossa cultura. Mas, se o faz, é bom lembrar que a cultura é construída socialmente, portanto passível de mudança.*

Refiro-me aqui a uma violência específica de grandes proporções, não limitada apenas à agressão física (sua forma mais visível), mas a qualquer ação agindo como mecanismo ou estratégia de dominação de um gênero sobre o outro. Esses modos de constranger a mulher, portanto, permeiam a nossa vida social de tal maneira que até parecem naturais e, assim, imutáveis. (NASSER, Elizabeth Mafra Cabral, 2009).

Não podemos permitir que os integrantes de uma sociedade que pretende ser justa, livre e solidária, se acostumem com determinados comportamentos entendendo que são corriqueiros e normais.

Praticamente todo mundo já ouviu a seguinte expressão: “mulher no volante é um perigo constante”; ou quem sabe estas outras expressões: “mulher tem habilidade é no fogão” ou “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”.

O fato é que qualquer tipo de discriminação e preconceito não poderia e não deveria existir independentemente de quem seja o alvo. Além disso, a Constituição da República Federativa do Brasil, a Lei máxima de nosso país estabelece:

art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança, e à propriedade, nos termos seguintes:

I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

Claro está que não é essa a realidade, pois as mulheres ainda são tratadas de modo muito cruel.

Vejamos o que informa a Lei nº. 11.340, de 07 de agosto de 2006, a denominada Lei “Maria da Penha”, em homenagem à mulher que muito contribuiu para minimizar a questão da violência. Vejamos:

Art. 1ª Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

Foi preciso criar uma lei com punição mais severa para que as mulheres vítimas de violência, dentro de seu próprio lar, pudessem recorrer quando sentirem-se em situação de risco atual ou iminente.

Poderá dizer o professor aos alunos que a violência é sempre uma atitude ilegal, imoral e indesejável, seja contra quem for. Não se pode tolerar mais que as mulheres sejam vistas como nas “polis” gregas, isto é, como figuras sem a menor expressividade e que serviam apenas para procriação.

O professor poderá usar a linguagem musical para reforçar e ilustrar o tema, por exemplo, promovendo uma atividade reflexiva com seus alunos, pois até letra e música já foram compostas com base no assunto.

Vejamos a letra composta por Paulinho Rezende e Evandro Lima, gravada pela cantora Alcione. Saliente-se que o vídeo poderá ser visto no “site”: www.morenaforrozera.blogspot.com:

*Comigo não, violão/ Na cara que mamãe beijou/ Zé Ruela nenhum
põe a mão/ Se tentar me bater/ Vai se arrepender/ Eu tenho cabelo na
venta/ E o que venta lá, venta cá/ Sou brasileira, guerreira/ Não tô de
bobeira/ Não pague pra ver/ Porque vai ficar quente a chapa/ Você
não vai ter sossego na vida/ Seu moço, se me der um tapa/ Da Dona
‘Maria da Penha’/ Você não escapa/ O bicho pegou/ Não tem mais a
banca/ De dar cesta básica, amor/ Vacilou, tá na tranca/ Respeito,
afinal/ É bom e eu gosto/ Saia do meu pé/ Ou eu te mando/ A Lei na
lata, seu Mané/ Bater em mulher/ É onde de otário/ Não gosta do
artigo, meu bem/ Sai logo do armário/ Não vem que eu não sou/
Mulher de ficar/ Escutando esculacho/ Aqui o buraco é mais embaixo/
A nossa paixão já foi tarde/ Cantou pra subir/ Deus a tenha/ Se der
mais um passo/ Eu te passo a ‘Maria da Penha’/ Você quer voltar pro
meu mundo/ Mas eu já troquei minha senha/ Dá linha, malandro/ que*

*eu te mando a 'Maria da Penha'/ Não quer se dar mal/ Se contenha/
Sou fogo onde você é lenha/ Não manda seu casco/ Que eu te tasco a
'Maria da Penha'/ Se quer um conselho, não venha/ Com essa
arrogância ferrenha/ Vai dar com a cara/ Bem na mão da 'Maria da
Penha'/ Comigo não, violão...*

Uma outra linguagem que poderá ser utilizada pelo professor é a do cinema. O professor poderá fazer recortes das cenas que lhe interessam exibir para depois fazer um debate com seus alunos acerca do conteúdo. Um dos filmes que tratam da violência doméstica, com maestria, em razão do estereótipo feminino de submissão é “Sleeping with the enemy” cuja ficha técnica é a que segue:

Título no Brasil: Dormindo com o Inimigo;

Título original: Sleeping With The Enemy;

Pais de origem: Estados Unidos da América; Suspense; Duração: 90 minutos;

Lançamento: 1991. Elenco: Júlia Roberts e Sara Waters/ Laura Burney; Patrick Bergin e

Martin Burney. “Na história o casal Laura e Martin, aos olhos dos outros, vive um

casamento perfeito. Na realidade, Martin é um homem mentalmente doente que possui

várias manias, entre elas a de espancar sua mulher regularmente. Para sair dessa

condição de submissão e nulidade em que vive, Laura decide simular sua própria morte

e foge para outra cidade com o fim de tentar recomeçar sua vida com outra identidade.

O trauma causado pelos anos de convivência com violência marca demais Laura.

Algum tempo depois, por meio de indícios, seu marido Martin acha que ela pode estar

viva e decide encontrá-la de qualquer maneira. O olhar de vingança é nítido na cena em

que ele a encontra nos braços de outro homem. O final não poderia ser diferente: vítima

de maus tratos durante anos Laura, em legítima defesa, acaba por matar seu algoz”.

Há, igualmente, uma outra linguagem pedagógica que pode ser considerada, qual seja, a linguagem jornalística. Como, na maioria das vezes, essa linguagem é bastante objetiva, ela acaba por produzir um efeito de credibilidade. Vejamos o artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo, no dia 21 de maio de 2009:

A Justiça de São Paulo decidiu na madrugada desta sexta-feira pronunciar o ex-jogador de futebol Janken Ferraz Evangelista pela morte da ex-mulher, Ana Claudia Melo da Silva, 18. Com isso, ele será levado a júri popular.

Ana Claudia foi assassinada a facadas em sua casa, na zona sul de São Paulo, no dia 22 de março deste ano. A jovem foi encontrada morta no chão do banheiro de empregada do apartamento, na avenida do Cursino, com diversos ferimentos de faca no pescoço.

O advogado Tito Lívio Moreira, que defende Evangelista, alega legítima defesa para o crime. "A Promotoria está contando como se fossem 14 perfurações. Mas isso não é verdade. Pelo que eu vi nas fotos da Promotoria, são duas perfurações e outros cortes superficiais, resultado de uma briga de vida e morte. Ele matou para não morrer", afirmou durante reconstituição do crime, no último dia 12. (Notícia veiculada pelo Jornal "Folha de São Paulo", em 22/05/2009).

Esse é um tema que merece ser amplamente debatido entre aqueles que fazem parte de um seleto rol de privilegiados que chegou aos bancos de uma Universidade. Até quando seremos obrigados a conviver com esse tipo de selvageria sem ficarmos indignados e estupefatos com o atraso moral, intelectual e ético de alguns indivíduos da nossa sociedade? Mais uma vez a violência contra a mulher é "justificada" e ela, por ser jovem bonita e querer sua independência, mesmo depois de morta, deixa de ser vítima para ser considerada culpada!

Com o conteúdo escrito, desenvolvido em aula expositiva-dialogada onde também se utilizou a linguagem musical, cinematográfica e jornalística, o professor poderá propor a divisão da sala em grupos. Cada grupo fará um pequeno relatório e, na aula seguinte, trará material visual acerca do tema em estudo para confecção de uma espécie de mural a ser afixado em local de fácil acesso a todos os integrantes da escola. É preciso estimular educadores reflexivos para que desenvolvam projetos fundamentados em propostas institucionais ativas. Com as dinâmicas desenvolvidas então, deve-se socializar os resultados com outros discentes até que possamos chegar a metodologias que estejam diretamente vinculadas às condições culturais e sociais do grupo para o qual se ensina. Está aí a arte de ensinar e certamente como resultado a grande arte do aprender.

Mas tenho uma opinião quanto ao interesse dos alunos: sempre achei que a única coisa que realmente importa na sala de aula é a qualidade do professor. O resto é balela. Que tenha computador, vídeo, que esteja chovendo, que tenha ar-condicionado, 20 alunos ou 35... Quando penso na minha história escolar, os lugares e os momentos em que aprendi são momentos em que encontrei como professores pessoas fora do comum. Não o mestre como alguém que vai me administrar a verdade em partículas, mas de uma figura que seduz que leva consigo, porque esse é o sentido etimológico da palavra. (CALLIGARIS, Contardo, 2008, p.7).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*, de 5 de outubro de 1988. 6ª. ed. São Paulo: Manole, 2009;

CALLIGARIS, *Contardo* – in “Revista Educação”, nº. 132, São Paulo: Seguimento, 2008, p.6/8;

“EX-JOGADOR vai a júri popular por morte de ex-mulher em São Paulo”; Jornal Folha de São Paulo, consultado em 22 de maio de 2009.

LEI 11.340/06 – *Lei “Maria da Penha”*; *Vade Mecum*, São Paulo: Saraiva, 2009, p.1397;

NASSER, Elizabeth Mafra Cabral, *Violência e relações de gênero*, www.falnatal.com.br:8080/revista_nova/a2_v3/resenha_2.php; consultado em 28 de agosto de 2009;

OSTRONOFF, Henrique. *Os perigos do filtro tecnológico*, in Revista Educação, edição 143, Boletim UOL/Educação; www.uoleducação.com.br; consultado em 31 de março de 2009;

PINTO, Manuel da Costa, *Um conhecimento do conhecer*, in Revista Viver mente e cérebro, Coleção Memória da Pedagogia, vol. 1, São Paulo: Ediouro, 2005, p. 4;

“SITE”: www.adorocinema.com.br, consultado em 26 de maio de 2009;

“SITE”: www.dicionarioinformal.com.br, consultado em 29 de maio de 2009;

“SITE”: www.morenaforrozero.blogspot.com, consultado em 26 de maio de 2009;